

AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM DIAGNOSTICA

Ana Luiza Wayand de Andrade; Thelma Panerai Alves

Universidade Federal de Pernambuco; luizawayana@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco; tpanerai@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem objetivo de analisar o nível de autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira em um determinado grupo de alunos. Apoiamo-nos nos autores Benson (2011), Little (2013; 1991) e Nunan (2003; 1988) para fundamentar o conceito sobre autonomia na aprendizagem. Autonomia na aprendizagem é compreendida como uma capacidade do aprendiz assumir, conscientemente, responsabilidade pela aprendizagem, no sentido de, a partir das reflexões acerca do seu papel de aprendiz e do que é aprendizagem, sentir-se ator desse processo em direção a assumir maior controle das atividades que englobam o ato de aprender. Acreditamos que alunos autônomos atingem melhores ganhos na competência linguística no idioma que estão estudando. Através da pesquisa observacional do tipo descritiva foi identificado o nível de autonomia na aprendizagem dos sujeitos para se detectar seu atual posicionamento nesse processo. Nesse sentido, esta pesquisa concretizou-se como instrumento diagnóstico, pois a partir dos resultados do nível de Autonomia na Aprendizagem de LE sejam planejadas futuras práticas didáticas.

Palavras-chave: Autonomia, aprendizagem, capacidade, diagnóstico, idioma.

Introdução

A autonomia na aprendizagem é uma busca dos discentes, que entendem ser esta uma atitude fundamental para o aprendizado dos conhecimentos específicos de cada área, assim como a formação para a vida. No mundo atual, cada vez mais se espera que o cidadão saiba resolver problemas, inovar e criar, que continue aprendendo, sendo capaz de governar sua opinião e escolha, habilidades estas que podem ser desenvolvidas durante o processo de ensino aprendizagem. É esperado que o aprendiz assuma a sua responsabilidade na aprendizagem, percebendo seus pontos fracos e fortes, estabelecendo metas e, sobretudo, que tenha uma postura ativa na construção do conhecimento. Pelo menos é isso que os professores esperam, mas será que seus alunos apresentam tais atitudes? Estas atitudes esperadas do discente estão atreladas aos aspectos cognitivos, emocionais e culturais. Entretanto, percebe-

se que alguns alunos se posicionam passivamente nesse processo e, muitas vezes, rejeitam intervenções que os levem a aprender a aprender.

Dentre várias situações exemplificadoras, a carência da autonomia pode ser identificada durante as aulas, através da falta de iniciativa dos alunos para participar das atividades propostas; na subutilização de seu estudo individualizado; e na pouca ou nenhuma participação dos discentes na escolha de atividades e conteúdos ministrados. Os fatores que contribuem para esta realidade podem estar desde o despreparo da formação docente, passando pela rigidez da estrutura curricular e da instituição de ensino; à desmotivação discente para aprender.

Este estudo sugere que a autonomia na aprendizagem é essencial para a construção da competência linguística em uma situação de aprendizagem de Língua Estrangeira. A aprendizagem de um idioma requer dos alunos muito mais que assimilação do conteúdo, estruturas e vocabulário, requer habilidades para a vida, pois são atividades inerentes da comunicação do falante de um idioma, ou seja, que necessita de autonomia.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi o de analisar o nível de autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira dos discentes. Os objetivos específicos foram: listar as capacidades e atitudes necessárias para caracterizar alunos portadores de autonomia na aprendizagem; identificar o nível de desenvolvimento da capacidade de autonomia na aprendizagem dos alunos; detectar as atitudes e capacidades necessárias que faltam para que os alunos possam se desenvolver com autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira. Desta forma, e imbuída da natureza de intervenção diagnóstica, esperamos contribuir para melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Há características no processo do aprender que são inatas ao indivíduo, e outras se adquirem por meio de experiências sociais. Assim sendo, mesmo sem uma educação formal, alguns aspectos da capacidade da autonomia na aprendizagem podem já estar desenvolvidas nos discentes. Entretanto, nossa experiência no processo de ensino-aprendizagem, vem demonstrando que os alunos não expressam tais capacidades e atitudes, desta forma a nossa hipótese é de que os discentes não apresentam um nível *pleno* de autonomia.

Para atingirmos os objetivos propostos, a presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos, optamos por uma pesquisa descritiva. No que se refere aos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa contou com dois instrumentos: a observação participante e um questionário estruturado aplicado a 120 alunos.

Metodologia

A presente pesquisa ocorreu em uma escola militar de Pernambuco. Esta escola mantém regime de internato e o curso tem duração de um ano. As disciplinas, tanto de conteúdo militar como de ensino básico (Português, Inglês, Matemática, Física e Eletricidade) são distribuídas ao longo do ano. Nessa instituição, realiza-se, como medida diagnóstica inicial, um teste de conhecimento com os conteúdos básicos das disciplinas do Ensino Fundamental (Português, Inglês, Matemática e Física), visando detectar o conhecimento de entrada do aluno no plano acadêmico. É, portanto, objetivo deste trabalho, que se acrescente esse novo questionamento abordado pelo presente estudo como medida diagnóstica.

Para atingirmos os objetivos propostos, a presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva. No que se refere aos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa contou com dois instrumentos: a observação participante e um questionário estruturado com escala gradual do tipo Likert.

A elaboração do questionário teve como base outros modelos de questionários já aplicados para investigar autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira (DAFEI, 2007 e NEMATIPOUR, 2012) e, a partir dos mesmos, foram feitas adaptações e traduções necessárias para que se ajustassem ao contexto que esta pesquisa contempla. Para Benson (2011), a autonomia é compreendida como a capacidade de tomar, assumir mais controle sobre a própria vida e conseqüentemente, no contexto educacional, se aplica a ter mais controle sobre a própria aprendizagem, e para tal estão incluídas as atitudes e habilidades para atingi-la.

O questionário utilizado nessa pesquisa foi elaborado de forma a contemplar, de uma forma abrangente, os hábitos de aprendizagem dos sujeitos com relação às características esperadas por alunos autônomos, hábitos estes externados nas aulas com o professor ou nos momentos de estudo individualizado, assim como as atitudes dos aprendizes em relação a sua postura como alunos e suas expectativas quanto aos conteúdos da disciplina e às atividades-didáticas.

As três áreas elencadas nesta pesquisa são referências às três dimensões de controle de autonomia de aprendizagem de Língua Estrangeira proposta por Benson (2011), do perfil de aluno-aprendiz proposto por Nunan (2003) e das características de aprendizes autônomos de Língua Estrangeira na busca do conhecimento abordadas por NICOLAIDES (2003).

Os 18 (dezoito) itens do mencionado questionário foram agrupados em três áreas, com relação à autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira:

Quadro 1. Áreas de Autonomia na Aprendizagem de Língua Estrangeira.(autoria própria)

a)Gerenciamento e organização da aprendizagem	Determinar os objetivos Definir os conteúdos e progressos Selecionar os métodos e técnicas a serem empregados Monitorar os procedimentos de aprendizagem Avaliar o próprio aprendizado
b)Atitudes e crenças	Ter iniciativa Reflexão sobre papel de aprendiz Ação independente
c)Participação no Planejamento	Conteúdo a ser aprendido nas situações de aprendizagem Material adotado Atividades

De acordo com Benson (2011), as capacidades de um aprendiz de Língua Estrangeira autônomo são interdependentes, não havendo hierarquia entre elas. Logo, para caracterizarmos o nível de autonomia na aprendizagem, consideramos a quantidade de vezes que os sujeitos desempenharam as atividades de aprendizagem descritas no questionário. As categorias utilizadas nas respostas ao questionário estão no seguinte quadro:

Quadro 2 - Graduação de nível de autonomia de aprendizagem de Língua Estrangeira.(autoria própria)

Graduação de nível de Autonomia de Aprendizagem de LE	Definição	Categorias
<u>NULA</u>	Aprendiz realiza <u>poucas</u> ou <u>nenhuma</u> das atividades observadas	A (nunca ou quase nunca)
<u>ELEMENTAR</u>	Aprendiz realiza certas das atividades observadas	B (poucas vezes)
<u>MEDIANA</u>	Aprendiz realiza <u>algumas</u> das atividades observadas	C (algumas vezes)
<u>INTERMEDIÁRIA</u>	Aprendiz realiza a <u>maioria</u> das atividades observadas	D (muitas vezes)
<u>PLENA</u>	Aprendiz realiza <u>todas</u> as atividades observadas	E (Sempre ou quase sempre)

Resultados e discussões

O total de respondentes desta pesquisa foi de 120 alunos. A análise deste trabalho constatou que a média geral de autonomia de aprendizagem destes alunos foi de **57,75%**. Podemos assim classificar os mesmos como portadores de um nível **mediano** de autonomia na aprendizagem.

A tabela 1 apresenta a classificação geral do nível de autonomia dos alunos, a partir das médias de cada um deles. Este estudo constatou que todos os respondentes possuem mais

de 30% de autonomia de aprendizagem, ou seja, nenhum respondente possui autonomia de aprendizagem **Nula**. Ao mesmo tempo, a análise dessa amostra demonstra também que nenhum participante exibe autonomia **Plena**. O maior nível alcançado pelos respondentes foi o nível Intermediário, mas apenas 12% ficaram com essa classificação.

A grande maioria dos respondentes (65%) demonstra possuir autonomia de aprendizagem **Mediana** e quase um quarto dos participantes (23%) possuem somente autonomia **Elementar**. A tabela abaixo apresenta o resultado encontrado.

Tabela 1 – Classificação dos respondentes nos Níveis de Autonomia na Aprendizagem. (autoria própria)

Média aluno %	Nível de Autonomia	Quantidade de alunos	Quantidade de alunos em %
0-30%	NULA	0	0
31% - 49%	ELEMENTAR	28	23%
50% - 69%	MEDIANA	78	65%
70% - 89%	INTERMEDIÁRIO	14	12%
90% - 100%	PLENA	0	0
Total		120	100%

O resultado encontrado comprova a hipótese desta pesquisa, no sentido de que os discentes não têm um posicionamento **pleno** de autonomia na aprendizagem. Eles demonstraram ter um desenvolvimento mediano, o que pode ser constatado ao se referir aos **78** dos **120** sujeitos pesquisados estarem com média entre 50% e 69%. Desempenhar alguns aspectos de autonomia, não implica em ser aprendiz autônomo (BENSON, 2011).

O termo **Gerenciamento e Organização da Aprendizagem**, refere-se à capacidade dos discentes de *determinar os objetivos; definir os conteúdos e progressos, selecionar os métodos e técnicas a serem empregados; monitorar os procedimentos de aprendizagem; e avaliar o próprio aprendizado.*

Os resultados revelaram que, nesta área, o nível de autonomia na aprendizagem atingiu maior média percentual (66%), em relação às demais áreas observadas neste estudo. Entretanto, esta média é classificada no nível **Mediano** de autonomia na aprendizagem, pois falta aos discentes assiduidade e constância na execução dos comportamentos que revelam estas habilidades. Ao mesmo tempo, pelo resultado analisado, percebemos que os alunos alcançaram um nível I maior nos quesitos relativos à participação nas atividades de sala de aula, na busca de materiais e técnicas adequadas às suas necessidades de aprendizagem, mas ao comparar estas habilidades com outras capacidades, tais como a avaliação do processo, a organização do tempo e o de traçar metas, verifica-se que os discentes alcançaram médias mais baixas. Podemos, portanto, concluir que não está claro para os alunos a relação ou

interdependência nas ações mencionadas, havendo uma clara necessidade de se refletir sobre o conceito de aprender.

Com relação a avaliar o próprio aprendizado, Little (2013) ressalta a importância desta habilidade para a autonomia na aprendizagem, pois além de possibilitar a constante análise do processo, esta é a base para o planejamento de ações futuras. Nunan (2003) reforça que um aprendiz autônomo de LE tem as habilidades necessárias para planejar a aprendizagem, monitorar essa jornada e avaliar seus próprios resultados. Nesse sentido, cabe aos professores a função de oportunizar momentos em suas práticas para que isso aconteça.

Outro aspecto considerado no presente estudo foi com relação à percepção dos alunos sobre o que é aprender e seu papel neste processo. Para este aspecto foi considerado o termo **Atitudes e Crenças**, dos quais Little (1991) considera como autonomia a capacidade de ter iniciativa, reflexão crítica e ação independente. Nesta mesma linha de raciocínio, Dickinson (1992) afirma que autonomia é ao mesmo tempo metodológico como psicológico, pois: “a preparação metodológica é a questão das técnicas de aprendizagem para um aprendizado independente. Preparação psicológica é uma questão de mudar atitudes e construir a confiança do aprendiz na sua habilidade de aprender com independência.” (1992, p. 61) Nesta área, a média atingida foi 55%, classificando-se também em nível **Mediano de Autonomia na Aprendizagem**. O resultado analisado mostra que os discentes ainda dependem muito da atitude do professor quanto a construção do conhecimento, avaliar e corrigir seus erros, bem como também esperam dele a cobrança de como agir em sala de aula.

É verdade que outros aspectos como os emocionais e estilos de personalidade estão diretamente associados a essa área, entretanto, observar a ausência do posicionamento independente do aluno implica buscar soluções para que estas atitudes se desenvolvam, em vez que apenas aceitar que é um traço imutável pessoal. Um exemplo disto, foi a experiência da pesquisadora ao identificar um aluno portador de muita timidez, a qual o impedia de posicionar-se de forma autônoma, e foi através de reflexões junto a ele a respeito da necessidade de atuar em prol das conquistas de competência linguística no idioma, que o aluno foi construindo sua autonomia. Alguns alunos se escondem na timidez e se comportam passivamente, esperando do professor ou do sistema o conhecimento pronto. Por isso, o despertar crítico desses papéis pode contribuir.

De acordo com Dafei (2007), na aprendizagem de Língua Estrangeira, especificamente, e para uma comunicação eficaz, vários fatores estão em jogo. Segundo o autor, aqueles alunos que são socialmente autônomos nos ambientes de aprendizagem, e se a LE que

estudam está associada ao seu uso nesses contextos, terão maior facilidade de adquirir as habilidades requeridas na comunicação espontânea das situações reais.

A última área analisada nesta pesquisa foi **Participação no Planejamento**, que diz respeito ao desejo discente em ter maior participação nas decisões com relação ao conteúdo a ser aprendido, ao material adotado, assim como nas atividades a serem desenvolvidas nas situações de aprendizado. De acordo com Benson (2011) e Nunan (1988), em um currículo centrado no aluno, com foco na autonomia na aprendizagem, tem professores e alunos em colaboração, na escolha de conteúdos e em como ele é apresentado, tornando-se um dos aspectos mais difíceis de serem alcançados. Nessa área, os alunos alcançaram a menor média, 35%, classificando-se em nível **Elementar** de autonomia. Portanto, percebemos que os respondentes não demonstram interesse em assumir maior responsabilidade no que tange ao planejamento do curso e na escolha de atividades, materiais e conteúdo. Provavelmente isso reflete o fator cultural e a percepção que os discentes têm do que é aprender e daquilo que se deve esperar do professor e do aluno nessa dinâmica: cabe ao professor fazer essas escolhas e ao aluno executá-las.

Outro aspecto bastante relevante para indicar autonomia na aprendizagem é a atitude de desenvolver o controle acerca do conteúdo a ser trabalhado no processo (BENSON, 2011). Esse aspecto pode ser visto a nível macro, ao se pensar o aluno em relação a uma determinada disciplina, mas também a nível micro, se ele pensar esta mesma disciplina como uma extensão dos seus objetivos. E, assim, dentro do que lhe exigido, pode traçar seus próprios objetivos e metas.

Hurd (2005, apud MURPHY, 2005) destaca que há um consenso entre os teóricos acerca da importância de se enfatizar autonomia no processo de aprendizagem, e em como este conceito assume graus e formas diferentes de acordo com o contexto e as características pessoais do aprendiz. Além disso, segundo White (2008, p.7, apud MURPHY, 2005), na ausência do “teacher”, os aprendizes conseguem desenvolver algum grau de autonomia para atingir seu sucesso na aprendizagem.

Existem diferentes níveis e graus de condutas autônomas na aprendizagem, que podem ser detectadas dentro de uma escala com dois pontos extremos: dependência e autonomia. E não se percebe claramente uma marca divisória entre esses limites. Nesse sentido, perceber que os alunos ainda demonstram muita dependência do professor e das regras externas não significa que isso não possa ser modificado, sendo que, desta forma, é possível sair gradativamente do nível de dependência para mover-se em direção ao de autonomia

Em outro estudo, Balcikanli (2008) também enfatiza que alunos chegam às universidades sem certas habilidades e atitudes de aprendiz autônomo. Consideramos estes atributos necessários à sua formação acadêmica, torna-se importante que a exploração do tema aconteça na formação de ensino básico. A necessidade de educação continuada agrega a importância de que os alunos concluam seus estudos com as habilidades e atitudes necessárias a fim de que se desenvolvam com plena autonomia na aprendizagem.

Conclusões

Autonomia na aprendizagem ainda é um tema que precisa quebrar paradigmas, principalmente no que se refere aos papéis de professores e alunos. Assim, o fator principal é despertar a conscientização de que o discente tem papel central na sua própria aprendizagem, e por isso deve desenvolver maior participação das ações relacionadas ao ato de aprender.

De forma geral, os conceitos de autonomia se complementam havendo um consenso de que autonomia implica “gerenciar”, “controlar”, “assumir maior responsabilidade” pela própria aprendizagem. É importante salientar que estas definições consideram o desenvolvimento da consciência social, sendo autonomia desenvolvida com a participação do outro. Para que aconteça a aprendizagem autônoma, é indispensável que, professores e alunos, reflitam sobre o que é ensinar e aprender e quais suas necessidades, processos e métodos de aprendizagem mais adequados.

Nossa investigação confirmou a hipótese desta pesquisa, pois revelou que os discentes ainda dependem muito da atuação dos seus professores no processo de ensino-aprendizagem, e não se colocam como protagonistas do processo de aprendizagem de uma Língua Estrangeira. Apesar de fazerem parte da Sociedade do Conhecimento e de já terem concluído anos de estudo formal, faltam aos alunos as atitudes para perceberem seus pontos fracos e fortes, estabelecerem metas e, sobretudo, para que tenham uma postura ativa na construção do conhecimento. É necessário que esse tema faça parte de reflexões juntos aos discentes, acerca do seu papel de aprendiz e do que é aprendizagem, para que eles possam assumir, conscientemente, a responsabilidade pela aprendizagem.

Esperamos que esta pesquisa possa encorajar professores a observarem essa temática em suas práticas didáticas, no sentido de que os alunos utilizem ao máximo os recursos que eles têm disponíveis (pessoais e materiais) e decidam o que fazer e como fazer melhor do estudo.

Referências

BALCIKANLI, C. **Fostering Learner Autonomy in EFL Classroom**. G.U. GAZI Faculty of Education. Ankara, 2008, v. 16, n. 1. Disponível em: [www.http://pt.scribd.com/doc/24546497/Fostering-Learner-Autonomy-in-EFL-Classrooms#scribd](http://pt.scribd.com/doc/24546497/Fostering-Learner-Autonomy-in-EFL-Classrooms#scribd). Acesso em: Dezembro, 2004.

BENSON, P. **Teaching and Researching Autonomy**. Second Edition. [Kobo] London and New York: Routledge – Taylor&Francis Group, 2011.

DAFEI, D. **An Exploration of the Relationship Between Learner Autonomy and English Proficiency**. In: Professional Teaching Articles. November, 2007. Disponível em: http://www.asian-efl-journal.com/pta_Nov_07_dd.pdf. Acesso: Dezembro 2014.

DICKINSON, L. **Self-instruction in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LITTLE, D. **Tools to develop learner autonomy: a Vygotskian perspective on the language learning process**. In: MENEGALE, David, 2013. *Autonomy in language learning: Getting Learners actively involved*. [Kobo]. Canterbury, UK: IATEFL.

_____, D. **Learner Autonomy: Definitions and problems**. v.1. Dublin: Authentik, 1991.

MURPHY, L. **Autonomy and context: a tale of two learners**. In *Fostering Autonomy in Language Learning*. David Gardner, 2011. SIRVE University, Gazuantep. Disponível em : <http://ilac2010.zirve.edu.tr>

NEMATIPOUR, M. **A STUDY OF IRANIAN EFL LEARNER'S AUTONOMY LEVEL AND ITS RELATIONSHIP WITH LEARNING STYLE**. English Language Research. Islamic Azad University, Shiraz Branch, Iran, v. 1, N. 1. 2012. Disponível em: www.sciedu.ca/elr. Acesso em: Dezembro 2014

NICOLAIDES, C. S. **A BUSCA DA APRENDIZAGEM AUTÔNOMA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEXTO ACADÊMICO**. Novembro, Porto Alegre, 2003. tese (14.02.2014)

NUNAN, D. **Nine Steps to Learner Autonomy**. Symposium, 2003 Disponível em: [9TTP://www.padocss.com/cat~david-nunan](http://www.padocss.com/cat~david-nunan). Acesso em: Dezembro 2014.

_____, D. **The Learner-Centred Curriculum**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.